

A natureza humana do comportamento individual nos primórdios do pensamento econômico: uma comparação entre Hume, Smith e Bentham.

Objeto de pesquisa e resumo

Compreender como a relação entre indivíduo e contexto social-histórico fazia-se presente nas teorias e especulações filosóficas de *Hume*, *Smith* e *Bentham* – enfocando o papel concedido à natureza individual, suas supostas tendências ou predisposições inatas, sejam elas racionais ou passionais.

Observamos que principalmente em Hume e Smith, a capacidade natural de nos importarmos com o outro, *sympathy*, não diz muito em si, mas ganha concretude com o hábito. Já em Bentham, a *sympathy*, que faz o indivíduo sair de si e se reconhecer no outro, dará lugar ao indivíduo isolado, o que impossibilita a superação da “natureza natural” pela natureza histórico-social do homem.

David Hume

Hume não movimentava a experiência do indivíduo dentro de paradigmas conceituais diferentes, porém compreende nas circunstâncias culturais e em suas crenças particulares os únicos moventes possíveis para uma “teoria da ação” (refletidos externamente). O indivíduo age baseado em crenças formuladas a partir do hábito, relacionado à vivacidade das impressões e às circunstâncias. Tais motivos perpassam os princípios de utilidade e de simpatia, onde neste reside a construção intersubjetiva dos condicionantes para os objetos do primeiro.

Hume

Utilidade

+

Simpatia

Smith ao focar a simpatia consegue incluir as condições histórico-sociais em suas premissas e conclusões.

Bentham, por pretender abstrair todo conteúdo simbólico das ações e querer gerar um conteúdo normativo confiável para as ciências partindo da utilidade, precisa excluir da teoria as circunstâncias.

Adam Smith

A teoria moral smithiana, ao radicalizar o conceito de simpatia em Hume, incorpora com mais vigor os contextos sócio-históricos e de fato sua construção teórica econômica deve pressupor uma estrutura tácita compartilhada entre os agentes. Logo, conclusões do tipo normativas em Smith não deveriam ser vislumbradas pela ótica naturalista. Os afetos egoístas para Smith, longe de serem impulsos naturais, passam necessariamente pela recomendação social.

Jeremy Bentham

Bentham, por sua vez, ao fechar a porta à intersubjetividade, interrompe a construção de uma artificialidade (o terceiro que é o espectador imparcial) que se torna natural. Pelo fato da categoria de análise benthamiana ser em si ahistórica, a utilidade, ele conclui que o indivíduo médio, portanto natural, pois não discriminado, é egoísta. As variações para motivos morais puros são contingentes e devem se dar em torno do eixo médio, podendo ser desconsideradas em análises (econômicas) rigorosas.

Conclusão

Em suma, observa-se que muitos economistas que se debruçaram sobre Smith, ao negligenciarem a influência de Hume em seu pensamento e ao evitarem uma leitura cuidadosa de sua filosofia moral, compreenderam-no segundo proposições (em especial a noção de “natureza humana”) que não são fundamentalmente suas, senão que provindas de uma influência e interpretação benthamiana sobre seu legado. Quando trazemos não só as conclusões práticas-normativas de Smith mas também sua metodologia para análise, observamos que sua teoria possui margem para flexibilizações a depender do contexto social-histórico analisado.

Pesquisador bolsista: Lucas Schönhofen Longoni
Orientadora: Gláucia Angélica Campregher